

Rebeka

Landim Rafael

A velha armadilha

Quando da expulsão dos holandeses de Pernambuco e perseguição aos não cristãos, no século 17, meus antepassados se embrenharam sertão adentro, modificando o sobrenome. Para não serem reconhecidos, uma sucessão de apagamentos se instituiu, até chegar a minha geração. Em 2017, numa visita a Manaus, meu pai me entregou uma cópia dos escritos de um tio meu, que não cheguei a conhecer. Ele havia investigado o passado da família e descoberto nossa ascendência judaica. Judeus sefarditas que emigraram para a Holanda e depois para Pernambuco, com Maurício de Nassau. Com a insurreição pernambucana, a maioria partiu rumo à América do Norte. Em outros tempos, eu teria tomado este relato como simples curiosidade familiar. Mas, em épocas de crise, certas histórias assumem novos valores.

Entre 2019 e 2020, o número de pedidos de visto de trabalho para os Estados Unidos, feitos por brasileiros, saltou 40%. Se comparado a 2015-2016, o aumento foi de 135%. As principais razões do êxodo de trabalhadores altamente especializados são violência urbana, crise econômica e falta de perspectiva profissional. Soma-se a isso, em alguns casos, a perseguição política, que vem ganhando força. Além dos Estados Unidos, com seus irresistíveis fomentos à pesquisa, os países mais procurados por brasileiros são Canadá, Portugal e Reino Unido. Em 2018,

o Datafolha apontava que a maioria dos nossos jovens, se pudesse, iria embora do país. Em conversas com meu irmão, Erik, escuto que minha situação seria diferente se tivesse aceitado seu convite e emigrado. Desde que me mudei para São Paulo para fazer a residência de Psiquiatria, em 2010, foram inúmeras as vezes em que me propôs visitá-lo e, quem sabe, dar uma chance ao Canadá. Porém, o vizinho monótono da promessa de prosperidade americana nunca me atraiu. Agora, com quase quarenta anos, vivendo num país à deriva, sem perspectivas econômicas, e com seu status democrático cada vez mais movediço, diariamente me pergunto se tomei a decisão certa.

Em setembro de 2019, Erik, sua mulher e eu visitamos a Alemanha em férias. Fazia cinco anos que não nos víamos e muitos mais que não convivíamos com tanta proximidade. Meu irmão tem profunda admiração pelos alemães, a ponto de ter cobiçado passar uma temporada por lá. Da minha parte, nutria o interesse de visitar os lugares marcados pela Segunda Guerra e pelos anos sob jugo da União Soviética. Nos intervalos dos passeios, Erik trocou mensagens com um contato na Hungria, que falava das facilidades de morar naquela região. Chegou a cogitar trabalhar em Budapeste ou mesmo na Polônia. Perguntei se ele sabia que os dois países do leste europeu são governados pela extrema-direita. Até àquela altura, as razões da partida dele e sua busca por alguma alternativa viável ao Canadá eram nebulosas para mim.

Erik disse ter percebido, muito jovem, que o Brasil estava fadado a fracassar. Para além da questão econômica, seu comportamento metódico destoava nos espaços de trabalho. Ao retornar do mestrado, aos 28 anos, deu aulas numa faculdade particular. Lembro-me do seu incômodo ao notar que o trabalho como professor não era valorizado. O importante era aprovar os alunos. Na época, Manaus sofria com apagões e falta de água frequentes. Não é um país sério, repetia com insistência. Um lugar onde essas coisas acontecem e as pessoas aceitam não é sério. Doze anos se passaram entre dar entrada na documentação e sua partida definitiva. Nesse período, houve algumas tentativas frustradas. Em 2010, quando a América do Norte escancarou suas portas para os profissionais da área de tecnologia, meu irmão foi embora.

Enquanto gasta energia deslindando os defeitos do Brasil, ele fica alvoroçado ao escutar alguém falando nossa língua. Apesar do Canadá ser um país seguro política e economicamente, é marcado por distâncias ge-

ográficas e interpessoais. Não é fácil fazer amigos por lá, costuma dizer. E o frio... O frio é insuportável. Quantas vezes teve de sair de casa em temperaturas negativas e sentiu uma fina película se cristalizar sobre as córneas. Seu sonho é comprar uma casa em outro lugar, de clima ameno, e passar lá os meses mais difíceis do inverno canadense.

A Alemanha se mostrou aquém das fantasias do meu irmão. A principal potência europeia apresentava sinais de decadência e havia ali algo obscuro, que só podíamos intuir em nossas caminhadas e trajetos de metrô, observando o ir e vir apressado e exausto de tantos rostos e corpos, que variavam em seus traços e estilos de roupas, de acordo com os espaços e horários. A divisão interna que a Alemanha experimenta ficou mais clara quando conversamos com nossa anfitriã de Airbnb, Ulrike, numa cidade próxima a Frankfurt. Ao saber que os três visitantes supostamente vindos do Canadá eram latinos, dois deles imigrantes tornados cidadãos canadenses, seus lábios murcharam. Com olhos arregalados, quis saber nossas profissões e como vivíamos em nossos países. Quando se sentiu à vontade, expôs sua simpatia por Trump e o partido de extrema-direita alemão. Detestava Angela Merkel por ter aberto as fronteiras aos refugiados, em 2015, e ter deixado “gente de índole duvidosa” entrar na Alemanha. Ulrike disse que uma guerra civil estava por acontecer e que não passaria pela mesma experiência dos pais. Pretendia ir embora e estudava quais seriam suas chances, como mulher de meia-idade tendo de recomeçar em outro país. De início, não a levamos a sério, mas na volta ao Brasil, soube que uma sinagoga sofrera um atentado em Halle, ao sul de Berlim. Algumas semanas depois, Dresden divulgou um alerta sobre o aumento de atentados xenófobos.

O sonho do meu pai sempre foi ver os cinco filhos alçando voos altos. De preferência, em terras distantes. Ele nos incentivou a estudar, aprender outros idiomas, ser curiosos com o que acontece lá fora, e, provavelmente, foi o responsável pelo meu estrangeirismo nos tempos de escola. Eu estava interessada em assuntos, pessoas e lugares sobre os quais mais ninguém da minha idade queria saber. Em São Paulo, a sensação de não-lugar diminuiu com os amigos que fiz e a experiência de viver numa grande metrópole. Na última década, conheci outros países e realidades, o que me conduziu na direção oposta. Descobri que conseguia olhar o Brasil para além de suas mazelas, defeitos, infortúnios e vicissitudes. Podia haver invenção em meio à precariedade. Eu, que achava o

hino nacional cafona e não tinha o hábito de torcer pelo Brasil na Copa do Mundo, fui me apegando a essa coisa nova, distinta e imprecisa. À medida que descobria lugares, pessoas e memórias, me sentia instigada a saber mais sobre meu país. Talvez tenha sido a viagem que fiz ao Chile, em maio de 2016. O Ocidente estava atento ao Brexit e às eleições americanas. Nós, no Brasil, estávamos prestes a ver uma presidenta eleita democraticamente ser retirada do poder por meios legais e razões duvidosas. Enquanto, no Brasil, se falava em retorno dos militares, eu caminhava pelo Museu da Memória, em Santiago, com seus milhares de documentos sobre o período mais nefasto da história recente do Chile e da América Latina. Eu me perguntava o que havíamos feito com a nossa memória e o quanto nos custaria tamanha negligência.

Em Berlim, uma das experiências com a memória se deu no Museu Judaico. O arquiteto Daniel Libeskind projetou o edifício com a intenção de proporcionar aos visitantes uma experiência sensorial que os aproximasse do povo judeu. Andar pelos corredores, em meio a fotos, objetos e documentos sobre o que foi a década de 30 na Alemanha é vislumbrar a angústia e o medo dos que fugiram, aos primeiros sinais de perigo, levando consigo bens e a família em segurança; assim como daqueles que adiaram a partida, apostando que a situação não poderia ficar pior, e que, mais tarde, pereceram. Enquanto via a História em retrospecto, meu irmão se voltou para mim: por que você continua lá? Eu podia ter argumentado que era um exagero comparar o Brasil de 2019 com a Alemanha e a ascensão nazista, mas eu também fazia essas relações. E não estava sozinha. Nas eleições do ano anterior, o escritor Julián Fuks publicara um texto taciturno no jornal *The Guardian* sobre ter que ir embora do Brasil, país onde nasceu e que tinha acolhido seus pais, exilados da ditadura argentina. Ele se perguntava se repetiria a história dos pais e dos avós, judeus que escaparam ao antissemitismo na Romênia.

Ao longo de 2018, também me perguntei se teria de sair do Brasil ou me apagar, como as gerações passadas da minha família fizeram, para continuar vivendo aqui. Às vezes, meus amigos e eu nos reuníamos e fantasiávamos nossa partida, ao mesmo tempo que pensávamos na importância de permanecermos. As eleições passaram e nós ficamos. Mas as rupturas de laços de amizade e o abandono de espaços foram inevitáveis. Até então, imaginava a Psiquiatria como um oásis dentro da Medicina. Foi com horror e decepção que descobri colegas vociferando contra minorias e tendo por livro de cabeceira as memórias de um torturador.

Quase dois anos depois, me sinto em suspensão, aguardando cada novo passo para trás, num estado de *dépaysement*. Essa palavra sem tradução à altura no português diz do sentimento de desorientação, efeito do não pertencimento, e que pode se dirigir à própria terra. Me pergunto se é por isso que meu irmão sente raiva. Por não conseguir se desvencilhar, ainda que esteja vivendo fora há mais de uma década. Perdido entre dois lugares, incapaz de completar a travessia do que deixou para trás e abraçar a escolha feita. Talvez isso explique minha hesitação. Hesitação que se sustenta diante das perguntas de Erik e de minha irmã, Angélica, ao falar da minha biblioteca.

Uma biblioteca é como um arquivo de desejo, reconheceu Susan Sontag, certa vez, numa entrevista. Desde que me mudei para São Paulo, adquiri um acervo considerável. Quando meus pais voltaram para o interior do Ceará, em 2017, após quatro décadas vivendo em Manaus, Angélica ficou responsável por trazer meus livros que ainda estavam lá. Hoje, as pilhas crescem nos cantos possíveis do apartamento. Ela costuma brincar que chegará o dia em que não haverá espaço para mim. Quando comento minha mais nova aquisição, pergunta como será se eu tiver de ir embora. Como farei para levá-los comigo? Por momentos, fico embaraçada. Uma viagem de navio talvez, respondo. A verdade é que não tenho uma resposta definitiva para a questão que se reatualiza.

Deslocamentos humanos são feitos, em grande parte, por motivos de força maior. Pessoas que emigraram por simples desejo de experimentar o novo, num afã cosmopolita, são a exceção. A maioria o faz para escapar a condições econômicas difíceis, perseguições, guerras e desastres. O exílio é fruto de uma violência. Uma situação de forçamento dos sujeitos a capitularem e abandonarem sua terra, por não conseguirem ver alternativa. Em situações-limite, há quem se coloque em risco para tentar escapar, como na crise dos refugiados de 2015, na Europa, que nos deixou sem palavras diante das imagens de corpos boiando no mar.

Para além do entendimento teórico e distanciado das telas sobre o que significa partir, se apagar ou ser apagado na própria terra, a literatura é um bom modo de aproximação. Milan Kundera me vem à mente quando penso numa escrita do exílio. Li seus livros ainda adolescente. Décadas depois, volto a eles em busca de alguma iluminação. O personagem Tomas, médico cirurgião, de *A insustentável leveza do ser*, tem a

chance de partir, resolve ficar, escreve um artigo de cunho político, perde o emprego e assiste ao apagamento de sua posição social. No início da história, ele diz a si mesmo que o faz por Teresa, a mulher que ama. Eu a detestei por vinte anos e, agora, descubro que posso ter me enganado. Certas escolhas ficam mais suportáveis quando envoltas pelo véu do amor. Folheio *O livro do riso e do esquecimento* e, entre páginas grifadas, encontro um trecho no qual o autor faz uma metáfora de sua expulsão do Partido Comunista, que também pode ser lido como metáfora do exílio. Ele conta das rodas de dança nas ruas de Praga, dos jovens eufóricos que se dão as mãos e saltam, cantando. Eis a diferença entre a fila e a roda. Por ser aberta, a fila assume uma conformação para a qual sempre se pode voltar. Mas no círculo, uma vez que alguém se solta dele, não há chance de retorno. É como um meteorito que não para de cair.

Proibido de publicar, isolado em seu meio, Kundera emigrou em 1975 para a França, perdeu a cidadania tcheca três anos depois e não retornou mais. É curioso encontrar uma metáfora semelhante ao seu meteorito no discurso *A condição chamada exílio*, que Joseph Brodsky fez a uma plateia de exilados, em dezembro de 1988. Brodsky diz que o escritor exilado é como um cão ou um homem lançado ao espaço dentro de uma cápsula. A cápsula é a língua, e a função da língua, enquanto viva e preñe de sentidos, é tentar impedir que o próximo homem, aquele que vai chegar, caia na velha armadilha. E se cair nela, o ajude a entender que aquilo que o atingiu não passa de uma tautologia. Ainda se pode ser livre para escolher. O homem livre, quando fracassa, não culpa ninguém, finaliza Brodsky.

Releio a cena final de *A insustentável leveza do ser*, na qual Tomas dança com Teresa. Julgando-se culpada pelo destino dele, ela pede desculpas. Tomas a escuta e responde que está feliz. É um alívio imenso se perceber livre, ele diz. Fecho o livro. Até aqui eu havia encarado minha indecisão como covardia. Percebo agora que a hesitação é a própria tensão que nos permite vislumbrar a solidão das nossas escolhas. E também a liberdade. ■